

O USO DE DESCONGESTIONANTES NASAIS E ANTI-HISTAMÍNICOS NA PEDIATRIA E HEBIATRIA

Isabela Alves Carvalho
Mateus Silva Fonseca¹
Adriano Carlos Soares
professoradrianosoaes@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde.

PALAVRAS-CHAVE: descongestionantes nasais, automedicação, sistema respiratório, otorrinolaringologia, pediatria.

INTRODUÇÃO

A administração dessa classe terapêutica traz o alívio da obstrução nasal no resfriado comum, pois são vasoconstritores eficazes. Tais contribuem para a diminuição dos sintomas, da obstrução que interferem na qualidade de vida das pessoas. Acontece que, seus benefícios têm tido seus fins desvirtuados, colocando em risco a saúde, quando há o uso indiscriminado e prevalente. Os descongestionantes nasais conferem quase sempre um alívio rápido e certo, embora temporário dos sintomas, por causa disso, é comum seu uso abusivo (MORAES, 2015). O uso de anti-histamínicos, em crianças de até 12 anos, principalmente os de primeira geração (por exemplo, difenidramina, clorfeniramina, hidroxizina, bronfeniramina), não é recomendado para o tratamento de sintomas de resfriado comum, visto a ausência de benefícios claros. Diferente no adulto que são eficazes na redução da congestão nasal (BRASIL, 2016). A hebiatria é a medicina da adolescência, tem seus estudos voltados a fase humana em que mais sofremos mudanças (CRESPIN, 2007). No Brasil, os descongestionantes nasais pertencem à classe de medicamentos mais procurados pelos pacientes na automedicação, ocupando a segunda colocação com 7%. Com a grande oferta e a facilidade de adquirir o medicamento nas farmácias e/ou drogarias, tendo como consequências o surgimento de enfermidades iatrogênicas e o mascaramento de doenças, como rinites, arritmias e sinusites (ZAFFANI, 2007). O Ministério da Saúde através do PNPMF (Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos) apresenta uma lista com setenta e uma plantas medicinais, que poderão ser utilizadas como fitoterápicos pelo SUS. Um dos princípios desse programa é a valorização dos conhecimentos tradicionais das comunidades, indígenas, e fortalecimento da agricultura familiar (DE OLIVEIRA, 2018). A transcendência do presente estudo é apresentar o vasoconstritor como um medicamento com efeitos benéficos e maléficos como qualquer outro, objetivando-se em associar a sua forma de abordagem com o alerta sobre o seu uso indiscriminado/excessivo, principalmente na área pediátrica, devido às graves consequências advindas do uso prolongado, por ser um dos medicamentos mais dispostos dentro da automedicação no Brasil.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de quantitativo de caráter exploratório onde foram utilizados artigos pesquisados nas plataformas de busca Scielo, Periódicos Capes, Portal de Pesquisa da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e PubMed. Os descritores utilizados foram: descongestionantes nasais, automedicação, sistema respiratório, otorrinolaringologia, pediatria. Foram identificados 1.415 resultados, e selecionados

nove (9) periódicos no qual foram utilizados os critérios de interesse em: vasoconstritores simpaticomiméticos, anti-histamínicos e medidas alternativas de tratamento. E ainda, foram excluídos, os conteúdos nos quais não correlacionavam ao objeto de estudo com o propósito desejado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os descongestionantes tópicos com vasoconstritores simpaticomiméticos (receptores α -1) atuam diretamente nos vasos sanguíneos das conchas nasais ocasionando alívio imediato da congestão nasal resultante de processos alérgicos inflamatórios, mas seu uso inadequado, pode acarretar uma série de problemas (CAVALCANTE *et al*, 2018). Os descongestionantes nasais possuem dois grupos: derivados imidazolínicos (nafazolina, tetraidrozolina, oximetazolina) e os derivados de catecolaminas (epinefrina, fenilefrina e efedrina). Os imidazolínicos são vasoconstritores que causam a estimulação alfa-adrenérgica central, gerando bradicardia e reflexo vagal. São considerados os mais potentes, devido a sua longa duração de efeito em comparação aos outros e sua rápida ação descongestionante. Com base na literatura percebe-se que podem levar a reações cardiovasculares e que não são específicas para os receptores, pois atuam com os alfa e beta adrenérgicos (FREITAS, 2014). No Brasil, os descongestionantes nasais pertencem à classe de medicamentos mais procurados pelos pacientes na automedicação, ocupando a segunda colocação (7% do total). Essa prática parece estar relacionada com o grau de instrução do usuário, com a grande oferta e a facilidade de adquirir o medicamento nas farmácias e drogarias, tendo como consequências o surgimento de enfermidades iatrogênicas e o mascaramento de doenças, como rinites, arritmias e sinusites (ZAFFANI, 2007). A síndrome do balonamento apical secundário pode ser correlacionada ao uso abusivo de descongestionantes. É caracterizada pela presença de movimento discinético transitório da parede anterior do ventrículo esquerdo, com acentuação da cinética da base ventricular. Pode se assemelhar ao infarto agudo do miocárdio, com dor torácica típica e alterações eletrocardiográficas, sendo a cineangiocoronariografia realizada para distinguir as duas condições na fase aguda (WANG, 2009). Quanto às intoxicações medicamentosas em crianças menores de cinco anos, um estudo revelou que os medicamentos que podem levar a óbito, foram: os descongestionantes nasais, os anticonvulsivantes, anti-histamínicos e expectorantes. A principal causa ou circunstância dos eventos foi o acidente individual, seguida do erro de administração e do uso terapêutico (MATOS, 2002). Os anti-histamínicos são utilizados com o intuito de bloquear a ação da histamina e é aconselhado em casos com um processo respiratório com congestão nasal, lacrimejamento e espirros (CAMELO-NUNES, 2006). Apesar deste grupo de fármacos ter sido aconselhado e utilizado para o tratamento sintomático do resfriado durante muitos anos (alívio da congestão nasal, rinorreia e espirros), a sua verdadeira utilidade é controversa, porque os estudos indicam que apenas existe um ligeiro benefício na utilização de anti-histamínicos sedativos no alívio dos sintomas durante o primeiro e segundo dia de tratamento, não sendo encontrado qualquer benefício quando são utilizados anti-histamínicos de 2ª geração (SANTOS, 2018). O uso das plantas medicinais representa uma terapêutica alternativa eficaz, segura e acessível à população. Por tanto, às indicações terapêuticas das plantas medicinais, nas categorias mais representativas, foram àquelas relacionadas a doenças e sintomas do sistema nervoso: a Erva Cidreira (*Melissa officinalis*) - relaxante do sistema nervoso, enxaqueca e insônia; Sistema respiratório: o Vique (*Mentha arvensis piperacens*) - asma, tosse, dores de garganta, descongestionantes nasal;

Sistema hepático: o Boldo (*Peumus boldus*) - afecções hepáticas e; o Sistema digestório: a Mastruz (*Dysphania ambrosioides*) - dores estomacais, além de queimaduras, anti-helmínticos (REZENDE, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, pode-se vislumbrar que, os descongestionantes nasais são um medicamento de alto potencial de ação. Eles, como todo e qualquer medicação requerem orientação médica/farmacêutica, para garantir assim, a segurança e eficácia da terapêutica. Contudo, o uso alternativo das plantas medicinais é um método eficaz, que pode auxiliar na desobstrução nasal.

REFERÊNCIAS

BRASIL, CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Guia de prática clínica: sinais e sintomas respiratórios: espirro e congestão nasal**. Brasília, 2016. Disponível em: http://www.cff.org.br/userfiles/file/Profar_vol1_FINAL_TELA.pdf. Acesso em: 06 nov. 2020.

CAMELO-NUNES, I. C. Novos anti-histamínicos: uma visão crítica. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre-RS, v. 82, n. 5, p. 173-180, 2006.

CAVALCANTE, R. M. *et al.* Nasal decongestants and self-medication. **Open Journal of Statistics and Probability**, Houston, TX-USA, v. 1, 2018.

CRESPIN, J.; REATO, L. de F. N. **Hebiatria: medicina da adolescência**, Editora Roca, [s./], 2007.

DE OLIVEIRA, R. A. *et al.* Perfil etnobotânico de plantas utilizadas como medicinais na comunidade de Bom Jesus, município de Imperatriz-MA. **Educação Ambiental em Ação**, Imperatriz, v. 66, 2018.

FREITAS, P. S. Eventos adversos relacionados ao uso de medicamentos descongestionantes nasais tópicos. **Revista on-line IPOG Especialize**, [s./], v. 8, n. 9, p. 1-13, 2014.

MATOS, G. C.; ROZENFELD, S.; BORTOLETTO, M. E. Intoxicações medicamentosas em crianças menores de cinco anos. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife-PE, v. 2, n. 2, p. 167-176, 2002.

MORAES, N. C. B.; PILOTO, J. A. R. Prevalência do uso de vasoconstritores nasais em uma universidade privada: um estudo em instituição de ensino superior de Maringá-PR. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 18-22, 2015.

REZENDE, H. A.; COCCO, M. I. M. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 282-288, 2002.

SANTOS, A. K. C. dos *et al.* **Cuidados farmacêuticos e farmacoterapia da gripe e resfriado**. Orientador: Fernando de Sousa Oliveira. 2018. 53 f. Monografia (TCC do

curso de Farmácia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, Campus Cuité, Cuité - PB, 2018.

WANG, R. *et al.* Apical ballooning syndrome secondary to nasal decongestant abuse. **Arquivos brasileiros de cardiologia**, São Paulo, v. 93, n. 5, p. 75-78, 2009.

ZAFFANI, E. *et al.* Perfil epidemiológico dos pacientes usuários de descongestionantes nasais tópicos do ambulatório de otorrinolaringologia de um hospital universitário. **Arquivos de ciências da saúde, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto**, v. 14, n. 2, p. 95-98, 2007.